

José Carlos Seabra Pereira

Coordenação



o mundo
à minha procura

Ruben A.
trinta anos depois
(Estudos)

(Página deixada propositadamente em branco)

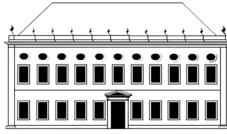
José Carlos Seabra Pereira
Coordenação



mundo
à minha procura

Ruben A.
trinta anos depois
(Estudos)

(Página deixada propositadamente em branco)



D O C U M E N T O S

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito • Maia

ISBN

972-8704-83-6

DEPÓSITO LEGAL

247665/06

© JUNHO 2006, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Isabel Nobre Vargues

Universidade de Coimbra/CEIS20

RUBEN A. E PEDRO R. A PAIXÃO PELA HISTÓRIA E PELO PROGRESSO

«Estou certo que nada produz mais o barbarismo que a ignorância, e nenhuma ignorância mais que a da história, porque a história mostra o que são os homens, mostra o que eles foram, e é a experiência dos séculos; e acrescentarei nenhuma ignorância da história é mais prejudicial do que a da história da civilização» (*Escritos de El-Rei D. Pedro V*, coligidos e publicados pela Academia das Ciências de Lisboa, 5 volumes, Coimbra, 1923; volume 1, p. 14).

«A ignorância da história, sobretudo da história pátria, é um dos mais graves e imperdoáveis erros em que pode cair um cidadão de um país... O historiador, o cientista e o poeta são os seres mais necessários à sociedade...

«O que importa fixar é que não se pode mais estudar o século XIX em Portugal sem recorrer ao que D. Pedro V escreveu — e isto julga ser o melhor tributo que lhe presta quem há mais de uma quinzena de anos dedica os seus estudos a este homem singular, que deu a Portugal o melhor do seu trabalho e da sua vida. A história de Portugal no século XIX, cuja documentação é tão escassa, passa deste modo a contar com mais uma peça fundamental no corpo dos volumes já dados à estampa. O romantismo e o saudosismo históricos, tão em moda em décadas atrás, têm assim os dias contados. É pela obra que os homens se avaliam, e não pelo que podiam ter sido, ou pelas interpretações apaixonadas de quaisquer correntes políticas ou históricas. Os grandes nomes vivem alheios a elogios fáceis» (Ruben Andresen Leitão, *Cartas de D. Pedro V aos seus contemporâneos*, 1961, pp. 12-13 e 41).

Separaram estas palavras de D. Pedro V e de Ruben A. um pouco mais de cem anos mas em ambas as citações pressentimos a mesma força intelectual com que pensaram quer a história quer a sociedade portuguesas.

Ambos olharam para o seu tempo de forma criadora e ambos reflectiram sobre a importante mudança em curso no País e no Mundo, um novo «mun-

do às avessas» que surgia em acelerada transformação, graças ao notável progresso verificado então, em vários domínios, e de que hoje quase se não tem memória do impacto causado.

O pensamento e a acção do rei reformador no seu tempo mas também os do seu estudioso, num outro tempo, foram pautados por essas paixões e desejos de mudança e foi esse o nosso propósito neste encontro. Centremo-nos pois nos seguintes temas: pensar, de novo, na importância do papel de D. Pedro V, um rei e um intelectual inquieto, e na escolha que dessa personagem fez o seu principal biógrafo Ruben A., um escritor sim mas também um historiador e um exaustivo investigador de D. Pedro V, para repensar uma outra sociedade no século XX.

Quando D. Pedro nasceu, em 16 de Setembro de 1837, o País vivia ainda momentos em que a luta política e ideológica era feroz entre os grupos liberais e absolutistas e esse combate político travava-se essencialmente, desde 1834, na imprensa e no parlamento dando origem a sucessivos governos e a vários protagonismos com diversos e opostos intervenientes ao longo do reinado de D. Maria II. Este processo desenrolou-se em Portugal no espaço e na opinião pública até 1851 quando, com o movimento conhecido sob o nome de Regeneração, Saldanha criou algumas condições que possibilitaram uma maior pacificação nacional. A Regeneração dá ao País um novo ritmo político.

Em 15 de Novembro de 1853 morreu D. Maria II e D. Pedro tinha dezasseis anos quando lhe sucedeu. Como era menor só dois anos depois começaria o seu curto reinado em Portugal ficando, nesse lapso de tempo, o seu pai, D. Fernando como Regente enquanto o futuro rei e o seu irmão, o príncipe D. Luís, percorreram a Europa, em duas viagens, estabelecendo contactos novos, conhecendo as principais cidades e capitais, visitando as Exposições de Londres e de Paris, enfim conhecendo de perto realidades, personalidades e instituições que de outra forma nunca teriam conhecido e vendo, pela primeira vez, nas suas vidas, as inovações e as principais descobertas científicas do tempo.

Em 16 de Setembro de 1855 D. Pedro, tornou-se rei com dezoito anos, prestou juramento em sessão solene de Cortes e por esse motivo realizaram-se em Lisboa grandes festas que tiveram como fim solenizar o novo e esperançoso reinado. Todavia flagelos como o *cholera morbus* e a febre amarela, em 1856 e 1857, fazendo vítimas em grande número, enlutaram milhares de famílias e geraram muitos órfãos. Foi nesses momentos que o monarca se distinguiu auxiliando e procurando minimizar alguns dos efeitos mais devastadores das epidemias. Tornou-se assim um monarca muito popular a quem o povo adorava e a quem, em breve, chamou o «rei santo».

Em 1858 o rei casou com a princesa D. Estefânia e, entre outras realizações, criou em Lisboa uma nova instituição de instrução superior, o Curso Superior de Letras, onde se leccionaram, pela primeira vez em novos moldes, disciplinas de estudo tais como história, literatura antiga e moderna, filosofia da história, disciplinas regidas por professores que, nessa função, vieram a ganhar um grande relevo na cultura portuguesa — Rebelo da Silva Lopes de Mendonça, Jaime Moniz. Antes, em 1856, criara a Escola Real das Necessidades, o que evidenciou desde cedo uma grande preocupação com as questões da instrução.

Outros acontecimentos de importantes consequências vieram também introduzir alguma agitação interna e pessoal: a morte da rainha D. Estefânia, em 1859 e, antes, as questões das Irmãs da Caridade e do apresamento da barca *Charles et Georges*, em 1857.

E sobre todos esses acontecimentos que marcaram o seu tempo o monarca escreveu Cartas, Diários e Memórias. Comparando o tempo de D. Pedro V e o seu Ruben A notou: «Basta ler as Cartas de D. Pedro, os documentos de Sá da Bandeira, as Memórias de Lavradio, os escritos de Herculano, para termos uma excelente panorâmica do problema português, muito semelhante ao problema de nossos dias, com a excepção de que para a obra de fomento levada a cabo em primeiro lugar por Fontes e depois por D. Pedro V serem atraídos capitais estrangeiros». (Ruben A, *Cartas de D. Pedro V aos seus contemporâneos* cit. pp. 42-43).

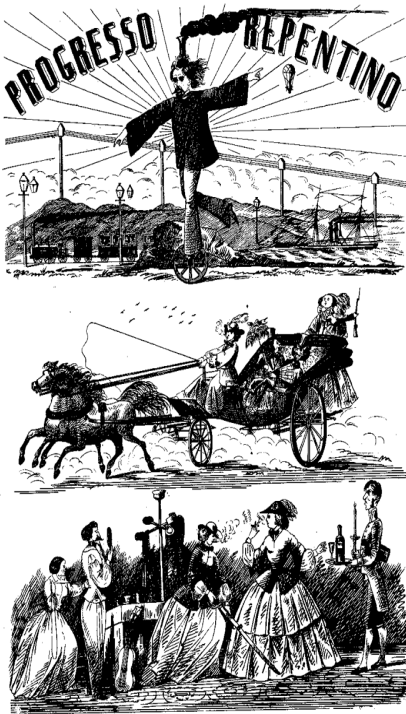
Desde 1851, mas em particular depois do afastamento de Saldanha, em 1856, e até ao momento da morte de D. Pedro V com 24 anos, em 1861, o país viveu numa década prodigiosa, sob o impulso de novas condições políticas, uma época de aceleradas transformações em vários domínios que importa acentuar como um momento em que Portugal conheceu uma imensa transformação. Um «progresso repentino» num «mundo às avessas» como em inúmeros textos e imagens contemporâneos se encontra referido e, em particular, nas páginas da *Ilustração Luso-Brasileira* (em 1858) que a seguir se apresentam e que assim mesmo se intitulam.

Aí podemos observar como era notável, na nova opinião pública e no espaço público, o impacto e a observação das inovações materiais em vários domínios: nos transportes, com o incremento ferroviário e marítimo; nas novas invenções tecnológicas com o aparecimento do telégrafo ou da iluminação; enfim, na importância da comunicação e da velocidade na sociedade. E estas transformações criaram uma outra, não menos importante, a da emancipação da época.

Vemo-lo nas próprias palavras de Ruben A. certamente um investigador atento às fontes da época que tão bem compulsou e soube ler: «Se o mundo começava a criar tamanhas velocidades, seria possível que o corpo humano também evoluísse e em breve se assistisse ao nascimento de uma criança com rodas, em vez de pernas, e com uma chaminé saindo da cabeça... e o fumo podia anunciar que o homem também andava movido a vapor, que ele criara uma velocidade nova e nascera com instrumentos diabólicos que lhe imprimiam um misto paradoxal entre a carne e a máquina, uma movimentação a que era difícil imaginar-se os resultados. Ao mesmo tempo o telégrafo informava que a emancipação das mulheres na Dinamarca e na Suécia era um facto em 1859, que em eleições quatro cidadãs exerciam pela primeira vez o seu direito — e o mundo do avesso servia-se do satírico, do paradoxal para representar mulheres de calças fumando charuto e servindo bebidas a homens». (*D. Pedro V e a sua época*, *Cartas de D. Pedro V aos seus contemporâneos*, apresentação, estudo e notas de Ruben A. Leitão, Livraria Portugal, Lisboa, 1961, pp. 31-101).

Podemos situar nesse momento uma profunda transformação cultural e social com a inversão dos papéis que homens, mulheres e crianças desempenham no mundo contemporâneo: a mulher de armas na mão e participante em duelos, pedindo namoro, lendo o jornal e fumando; o homem na cozinha, fiando uma roca, embalando um berço; e a criança, também ela, com armas na mão ou até castigando o professor.

Como se verifica toda a acção do Rei, em defesa da conquista de um progresso a todo o custo, encontrava um extraordinário suporte nas novas publicações periódicas que então se publicaram no País. Nas páginas de revistas como, por exemplo, o *Panorama*, a *Ilustração Luso-Brasileira*, a *Revista Contemporânea*, a *Revista Universal Lisbonense* e o *Arquivo Pitoresco*, surgiam textos e imagens como estas que publicamos que ampliavam a acção transformadora em curso e davam conta do ritmo frenético que atravessava o novo espaço público liberal.



A *Ilustração Luso-Brasileira*, n.º 45, vol. II, 6 de Novembro de 1858, p. 357



O mundo às avessas

A *Ilustração Luso-Brasileira*, n.º 52, vol. II, 25 de Dezembro de 1858, p. 411

Compreende-se assim como um jovem inquieto mas muito culto e viajado, rei com 18 anos, num curto reinado de seis anos (1855-1861), um rei utilizando toda a sua formação e saber para construir uma nova sociedade em Portugal, espelho da sociedade europeia que conheceu de perto e preocupado sempre com o progresso nacional «um progresso repentino», tal como o deixou expresso nos textos que escreveu e em que sobressai a correspondência trocada com os seus contemporâneos, em particular com seu tio e marido da rainha Vitória, o Príncipe Alberto, com o Imperador do Brasil, D. Pedro II e com o conde do Lavradio, seguramente o seu principal mentor, e que morreu, com 24 anos, tenha conseguido criar, em torno de si, uma aura de profundo carinho, de respeito, de afectos populares e de admiração nacional e internacional.

Acentuemos ainda outros escritos que este monarca deixou e onde perpassam os mesmos desejos de progresso, o «positivismo progressista» nas suas próprias palavras: são eles os *Diários*, textos de extraordinária informação como relatos que são de uma vida e de um tempo em profunda mudança e simultaneamente relatos reflexivos e críticos sobre as suas viagens científicas, políticas e culturais a Inglaterra em 1854, com o irmão D. Luís, após a morte da mãe a rainha D. Maria II em 1853, e, em 1855, a França e a outros países europeus. Em suma, estamos perante um monarca de pensamento e de acção invulgares na história portuguesa que escreveu muito deixando testemunhos preciosos sobre o seu tempo.

Importa lembrar que no século XIX este tipo de textos escritos e outros como as correspondências particulares ou as memórias, textos mais íntimos como registos quotidianos, revelam-se também como instrumentos de poder pois permitem exprimir memórias e afectos, projectar o futuro, enfim, oferecem uma visão do mundo. Inventou-se então a autobiografia.

As correspondências epistolares, adquirem uma nova importância e mudaram de paradigma tornando-se, no século XIX, uma forma específica de comunicação porque, por um lado, se elas evocam e mostram o mais íntimo pensamento do seu autor, por outro, não são já apenas documentos pessoais mas sim textos que o público pode ler.

Ruben Andresen Leitão foi também um profundo estudioso de D. Pedro V e da sua época, matérias sobre as quais escreveu dezasseis estudos, tal como alguns autores e historiadores que o antecederam nessa tarefa. Lembremos, em particular, Mendes dos Remédios que em 1903 publicou as *Cartas inéditas*; Júlio de Vilhena que em 1922-1930 publicou, por determinação da Academia das Ciências, os escritos do rei, as cartas da rainha D. Estefânia, bem como um estudo do reinado; e Damião Peres, o seu Mestre em Coimbra, que reflectiu sobre o diário íntimo de D. Pedro e que dirigira a conhecida e nacionalista *História de Portugal* de Barcelos.

De resto, não é demais acentuar que o papel e o protagonismo que o monarca exerceu no seu tempo facilmente o tornaram um importante objecto de estudo por parte de correntes de pensamento político opostas, apesar do século XIX ser um século odiado pelo salazarismo (veja-se, por exemplo, Luís dos Reis Torgal, Introdução, p. 11 e «A História em tempo de Ditadura» pp. 241-275).

A «paixão» de Ruben A. pelo estudo de D. Pedro começou com uma investigação académica: a correspondência epistolar entre D. Pedro e o conde do Lavradio foi o tema escolhido por Ruben A. Leitão como tese de licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A tese defendida em Coimbra, em 1944/45, foi orientada por essa figura tutelar da historiografia portuguesa de então Damião Peres que também veio a ser, mais tarde, o director de uma Collecção Histórica onde esse texto de Ruben Andresen Leitão foi publicado, no Porto, em 1945.

A mesma «paixão» continuou nos anos subsequentes e quando Ruben A., em virtude do seu próprio percurso pessoal, veio a aceder a inéditos e a outra documentação que lhe permitiram escrever e publicar posteriormente nada menos que dezasseis estudos, entre 1945 e 1974, cujo objecto de reflexão histórica foi D. Pedro V. Nos Arquivos ingleses encontrou inéditos, correspondências, diários fundamentais à biografia do monarca e ao estudo do seu tempo, bem como tais fontes lhe permitiram delinear os estudos

introdutórios de apresentação, as cronologias e bibliografias sobre o monarca e a época, as entradas no *Dicionário de História de Portugal* (treze), estudos que constituem no seu todo, ainda hoje, textos imprescindíveis a quem pretenda estudar a história portuguesa e europeia no século XIX.

Salientemos em todo o seu trabalho histórico a importância da publicação da correspondência de D. Pedro V com os seus dois principais confidentes, o príncipe Alberto e o conde do Lavradio e com os seus contemporâneos, em 1945, em 1954 e em 1961, textos que completam um melhor conhecimento sobre D. Pedro V e o seu tempo. E, em 1964, Ruben A. escrevia ainda uma «Contribuição para a bibliografia de D. Pedro V» (*Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. V, Janeiro-março, n.º 1, 1964, pp. 70-87), estudo síntese em que se apontam outras não menos notáveis fontes, para o estudo de D. Pedro e da repercussão nacional e internacional da sua morte, como o são as orações fúnebres.

Em 22 de Maio de 1959 a Academia Portuguesa de História elege-o, também por indicação de Damião Peres, como seu sócio correspondente reconhecendo a sua valiosa obra de investigação histórica e, em 21 de Março de 1969, aí passou a académico de número.

Em 1981, no *In Memoriam* e, em 1996, em *O Mundo de Ruben A.*, Braga Paixão e Jorge Borges de Macedo analisaram também o contributo de Ruben A. Leitão na historiografia portuguesa, destacando ao lado da sua obra de historiador, «um mago da história», e de erudito, a de romancista e da sua vocação literária, certamente um aspecto que o singularizou na geração de historiadores portugueses dos anos quarenta.

Borges de Macedo considerou algo que destacou como muito singular: o conhecimento único que, no panorama nacional, Ruben A. tinha sobre as duas instituições universitárias, Lisboa e Coimbra, nos seus métodos, nos temas, nas pesquisas. Outros como Fernando Castelo Branco, João Jardim de Vilhena, Henrique Barrilaro Ruas, Hermínio Monteiro e António Quadros, viram em Ruben A. um verdadeiro discípulo de D. Pedro V no que se refere ao papel da história («O que é a tradição histórica senão um

poderoso auxílio à continuidade de independência de uma nação?») e ao seu pensamento político, com as mesmas marcas identitárias de outra época: a necessidade de procurar um sistema político adequado a Portugal; a necessidade de adaptar o liberalismo ao espírito português; a defesa dos ideais de liberdade e de igualdade, do progresso, da educação e, acima de tudo, a defesa do interesse geral sobre o particular.

Importa concluir acentuando que podemos notar entre Ruben Andresen Leitão (Ruben A.) e D. Pedro V (Pedro R) um elo fundamental: a mesma sede de instrução, o mesmo gosto cosmopolita pela Europa civilizada, enfim uma mesma compreensão sobre a importância da história e do progresso social e político em Portugal. E daí nasceu obviamente uma paixão pelo objecto de estudo.

Como vimos todos estes sentimentos e anseios perpassam nos vários escritos do rei D. Pedro V (Cartas e Diários) bem como nos textos literários, críticos e históricos que sobre o rei Ruben A. escreveu. Por exemplo, em 22 de Setembro de 1966, na rubrica «Livros Escolhidos», rubrica que assinou no *Diário Popular*, entre 1963 e 1974, num tempo marcado em Portugal pela ausência de liberdade, de democracia e de censura efectiva, onde soube seleccionar para os leitores mais de quatrocentas obras cuja leitura recomendava: «Num país onde poucos lêem e muitos falam, a figura deste português de primeira água, soberano ímpar na história dos Braganças, devia ser leitura obrigatória aos que pretendem ter a consciência de pisar e merecer o solo pátrio».

Com grande clarividência notou-o Tomás Ribas: «Toda a obra não ensaística de Ruben A. é o jogo dramático travado entre as impressões actuais, momentâneas e a recordação antiga. Quem não descobrirá isso ao ler os romances *Caranguejo*, *A torre de Barbela*, *O outro que era eu*. Talvez tenha sido essa recordação antiga que sempre nele vivia quem o tivesse levado como historiador a estudar a figura e a época de D. Pedro V (*In Memoriam*, 1977, p. 266). Ou também o exemplar testemunho de Murillo Mendes: «Como

vão vocês? nós — integrados de novo na nossa vidinha romana — Universidade, trabalho, encontros, teatros, exposições... Eu, chateado com essas contínuas demonstrações de crueldade e de estupidez dos governantes do mundo encantados com as explosões nucleares e continuando pelos anos afora um diálogo de surdos» (*O Mundo de Ruben A.*, 1996, p. 149).

BIBLIOGRAFIA

- *In Memoriam* Ruben Andresen Leitão, 3 volumes, Lisboa, INCM, 1981.
- *O Mundo de Ruben A.*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1997.
- *Cartas de D. Pedro V ao Conde do Lavradio*, Portucalense Editora, Porto, 1945.
- *Cartas de D. Pedro V ao Príncipe Alberto*, Lisboa, Portugália Editora, 1954.
- *Cartas de D. Pedro V aos seus contemporâneos*, Lisboa, Livraria Portugal, 1961.

Nota: Ao Dr. Alexandre Ramires expressamos o nosso maior agradecimento pelo tratamento das imagens que apresentamos neste trabalho.

(Página deixada propositadamente em branco)

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2006

